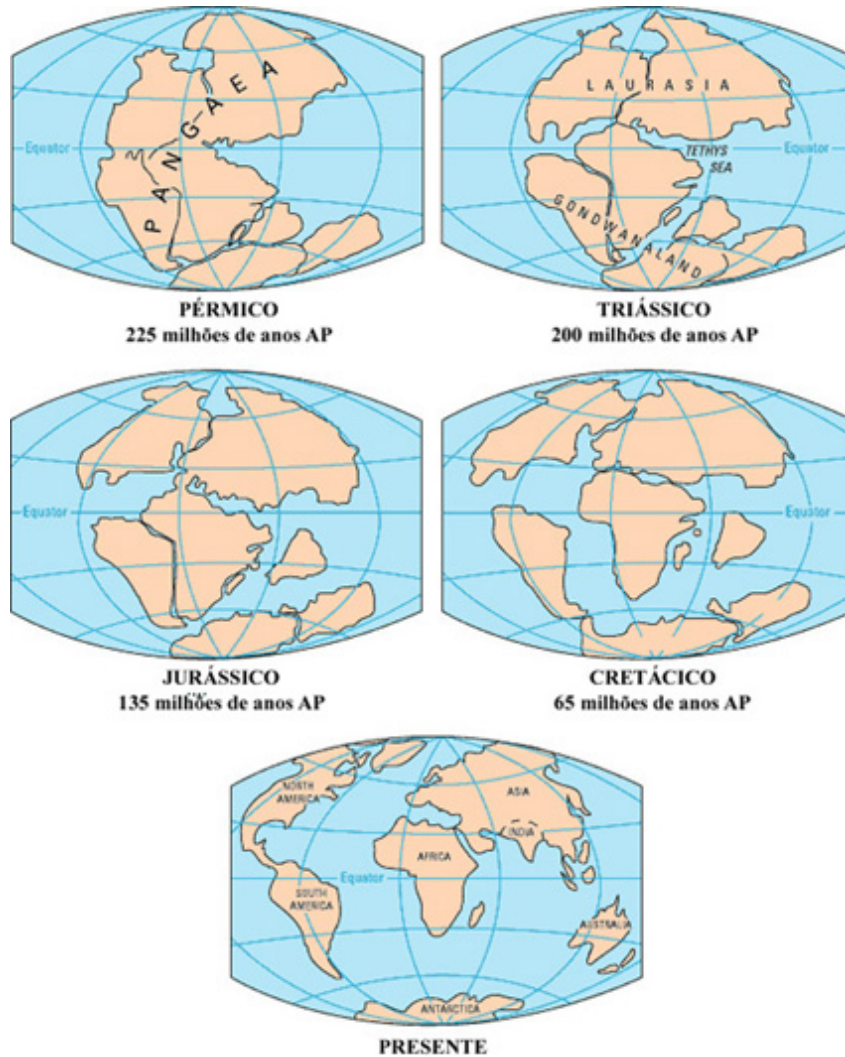


A Margem Ocidental Ibérica – tectónica

Há 225 milhões de anos, a Pangeia original começava a dividir-se na Laurásia e Gondwana, o Mar de Tétis abrindo-se já entre elas:



(United States Geological Survey, W. Jacquelyne Kious and Robert I. Tilling)

E, há 130 milhões de anos, o rift atlântico progredia já para norte, passando a falha Açores-Gibraltar e começando a separar a Laurásia nos continentes norte-americano e euro-asiático. A enorme falha da Arrábida, escondida no mar ao longo do bordo sul da Serra da Arrábida, quebra o soco continental na direção E-W e deve ter constituído, há 120 milhões de anos, a barreira seguinte na progressão S-N da abertura do Atlântico Norte.

Com a abertura do Atlântico Norte, a distensão originou o aparecimento de várias bacias de afundimento, pequenos mares interiores. A figura seguinte apresenta reconstruções paleotectónicas do Atlântico Norte em três momentos da oceanização entre a sub-placa ibérica e a placa norte-americana:

- (A) Pré-oceanização do Atlântico Norte
- (B) Ruptura continental a sul da falha da Nazaré - F.N. (há 115 milhões de anos)
- (C) Oceanização completa do segmento ibérico do Atlântico Norte (há 110 milhões de anos)

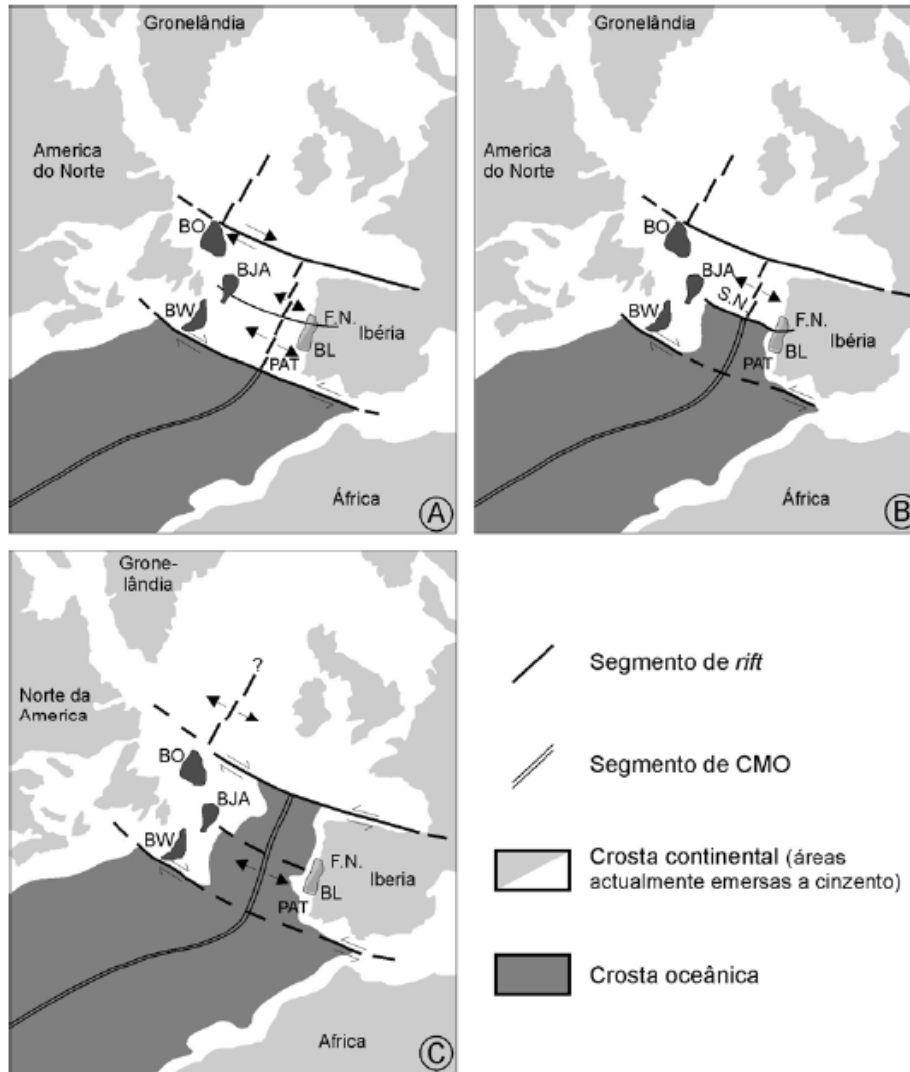


Fig. 25 - Reconstruções paleotectónicas do Atlântico Central e Norte em três intervalos relacionados com a fragmentação continental e consequente oceanização, por sectores, entre a sub-placa ibérica e a placa norte-americana, na península da Terra Nova. Propõe-se a existência de duas áreas diferenciadas: i) continental estirada (a branco com setas divergentes); ii) oceânica em expansão. A) pré-oceanização do Atlântico Norte (não se exclui a possibilidade de oceanização precoce na Planície Abissal do Tejo, provavelmente durante o Berriasiano); B) Primeira ruptura continental num segmento a sul da Falha da Nazaré (Aptiano Sup.); C) oceanização completa do segmento ibérico do Atlântico Norte (Albiano). BJA- Bacia de Jeanne d'Arc; BL- Bacia Lusitaniana; BO- Bacia de Orpheus; BW- Bacia de Wales; CMO- Crista Média Oceânica; FN- Falha da Nazaré; PAT- Planície Abissal do Tejo; S.N.- Sector Norte (mod. Driscoll et al., 1995 e Kullberg 2000).

J. C. Kullberg, R. B. Rocha, A. F. Soares, J. Rey, P. Terrinha, P. Callapez, L. Martins (2006) – *A Bacia Lusitaniana: Estratigrafia, Paleogeografia e Tectónica*.
 In *Geologia de Portugal no contexto da Ibéria* (R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha & J. C. Kullberg, Eds.). Univ. Évora.

Nas Berlengas, manteve-se uma massa emersa que isolou uma bacia de mar (a Bacia Lusitaniana - BL) entre essa massa e o bordo do continente, que terminava então na linha Aveiro – Coimbra – Tomar – Setúbal. A Estremadura, então localizada nessa Bacia Lusitaniana, estava submersa, e durante milhões de anos foi recebendo os materiais de desmantelamento dos blocos adjacentes, até à colmatação final da Bacia.

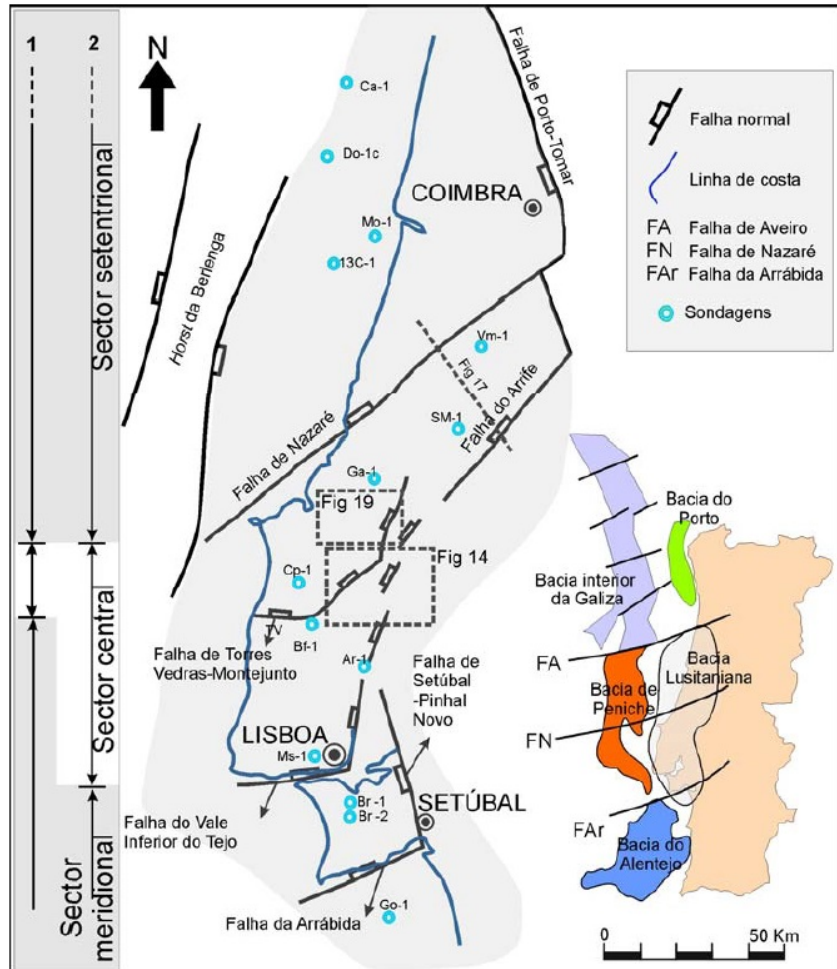


Fig. 1 - Enquadramento geográfico e tectónico da Bacia Lusitaniana e de outras bacias da Margem Ocidental Ibérica. Definição de sectores (1- Rocha & Soares, 1984; 2 - Ribeiro et al., 1996) e localização de perfis representados noutras figuras. Sondagens: Ca - Carapau, Do - Dourada, Mo - Moreia, Vm - Vermoil, Sm - S. Mamede, Ga - Gasteiros, Cp - Campelos, Ar - Arruda, Ms - Monsanto, Br - Barreiro, Go - Golfinho (adapt. Kullberg, 2000; Alves, 2005).

J. C. Kullberg, R. B. Rocha, A. F. Soares, J. Rey, P. Terrinha, P. Callapez, L. Martins (2006) – *A Bacia Lusitaniana: Estratigrafia, Paleogeografia e Tectónica*.
 In *Geologia de Portugal no contexto da Ibéria* (R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha & J. C. Kullberg, Eds.). Univ. Évora.

Hoje, o soco continental, a sul da Arrábida, mergulha da Serra de Grândola para oeste, passando algumas centenas de metros sob as praias que vão de Troia a Sines, e mergulhando ainda mais para oeste. Também aqui se formou então uma bacia de afundimento, a Bacia do Alentejo, situada em local hoje sob o mar, a oeste da costa alentejana.

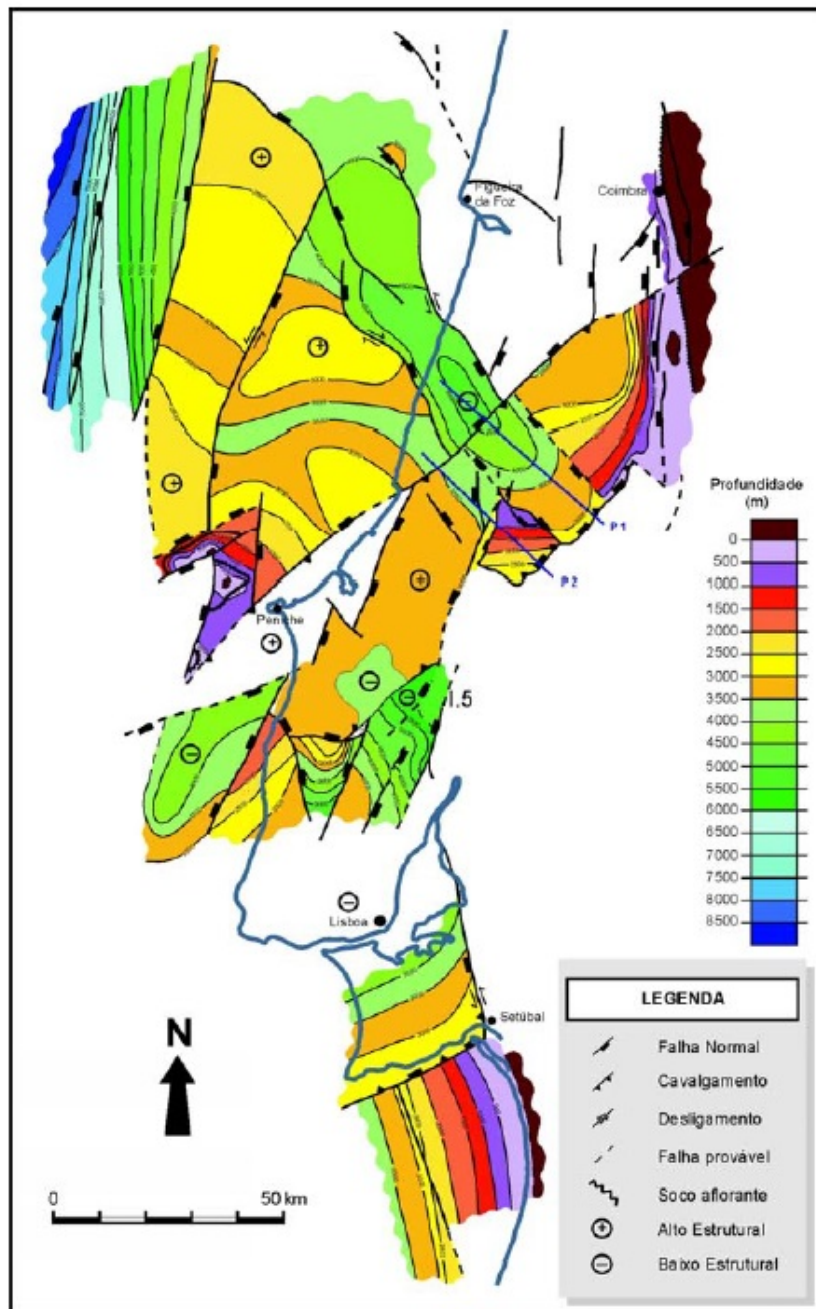


Fig. 15 – Mapa de contorno estrutural da Bacia Lusitaniana (geometria actual do topo do soco) (Ribeiro *et al.*, 1996).

J. C. Kullberg, R. B. Rocha, A. F. Soares, J. Rey, P. Terrinha, P. Callapez, L. Martins (2006) – *A Bacia Lusitaniana: Estratigrafia, Paleogeografia e Tectónica*.
 In *Geologia de Portugal no contexto da Ibéria* (R. Dias, A. Araújo, P. Terrinha & J. C. Kullberg, Eds.). Univ. Évora.

Estamos assim, hoje, na Margem Ocidental Ibérica da Eurásia, no local onde esta placa euroasiática e a placa norte-americana se separaram, há mais de 100 milhões de anos.

Nestas zonas de separação entre as placas continentais, há sempre manifestações magmáticas. Isso acontece hoje nos Açores, situados na atual Crista Média Oceânica, e aconteceu também nesta ponta da Eurásia, em Sintra, Sines e Monchique, mas por intrusão magmá-

